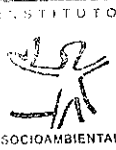


INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: DOU - 2001 (231)
 Data: 03/12/99 Pg: 118-20
 Class.: ZED00043

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/0217/99/85, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação e delimitação, de autoria do antropólogo NORALDINO VIEIRA CRUVINEL que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Zo'é, de ocupação tradicional do respectivo grupo tribal Zo'é, coordenados pela antropóloga DOMINIQUE T. GALLOIS, com superfície e perímetro aprovados de 624.000 hectares e 463 km respectivamente, localizada nos municípios de Alenquer e Óbidos, no Estado do Pará.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Pará, do Resumo do Relatório, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, em conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada nas sedes das Prefeituras Municipais da situação do imóvel.

CARLOS FREDERICO MARÉS DE SOUZA FILHO

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA ZO'É

Referência: Processo FUNAI/BSB/0217/99. Terra Indígena: Zo'é. Localização: Municípios de Alenquer e Óbidos, no Estado do Pará. Superfície: 624.000 ha. Perímetro: 463 km. Sociedade Indígena: Zo'é. População: 178 pessoas (1998). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 309/PRES, de 4 abril de 1997, coordenado pela antropóloga Dominique Tilkin Gallois.

1. DADOS GERAIS

A Terra Indígena Cuminapanema/Urucuriana, com superfície de 2.059.700 ha, localizada ao sul da TI Parque do Tumucumaque, localizada nos Municípios de Alenquer e Óbidos, no Estado do Pará, foi interdita pela FUNAI, em 1987, através da Portaria nº 4.098/PRES, de 30.12.87. A interdição visava dar condições de trabalho às equipes para localização de numerosas referências sobre índios isolados, levantadas pelo DEIL/FUNAI, no interflúvio Erepecuru/Cuminapanema. A presença do povo Zo'é, então denominado Poturu, era conhecida, mas ainda não se tinha informações precisas sobre a área por ele ocupada. Em 1989, a FUNAI inicia suas atividades de assistência a este povo, mas somente em 1996, dá-se início aos trabalhos de identificação da terra ocupada pelo grupo. Na primeira etapa, por determinação das Portarias nº 430/PRES, de 10.06.96, e nº 584/PRES, de 05.07.96, foram realizados estudos antropológicos e atividades de preparação da comunidade indígena, conscientizando seus membros sobre o que representa a demarcação da área. Em abril de 1997, constituiu-se o Grupo Técnico para identificação e delimitação da área através da Portaria nº 309/PRES, de 04.04.97. Os técnicos do GT contaram com a participação ativa da comunidade, que com constantes diálogos sobre uma nova forma de conhecer os limites e a defesa de sua terra elaboraram "mapas" com informações sobre as aldeias de seus antepassados, sua terra de ocupação atual e os percursos dos locais de residência até as áreas de concentração de recursos ambientais utilizados pelo grupo. Também foi realizado, no período de 26.08.97 a 13.10.97, uma expedição ao Rio Urucuriana, coordenada pelo sertanista Fiorello Parise, em cumprimento à Portaria 688/PRES, de 30.07.98, com a finalidade de confirmar ou não, as evidências da presença indígena ao norte e nordeste da terra indígena Cuminapanema/Urucuriana. Segundo Relatório da expedição ao Rio Urucuriana, foram detectadas capoeiras, com idade entre 30 e 50 anos, nas proximidades do Igarapé Urucuriana e do Rio Cuminapanema, indicando assim uma ocupação antiga mais intensa, embora não se possa descartar de pronto uma ocupação atual intermitente. Por outro lado foram confirmadas referências a índios isolados nas imediações do Igarapé Poana, afluente da margem direita do Erepecuru, localizado próximo à confluência entre esse e o Urucuriana. As informações referem-se a contatos visuais, além de vestígios como fogueira de acampamento.

Com base nesses elementos, e tendo em vista que as duas regiões próximas entre si não são de ocupação Zo'é, o GT recomenda a manutenção da interdição entre o rio Urucuriana e o Tumucumaque, e a formação de um novo GT que possa realizar, desta vez em condições mais favoráveis e apropriadas, o estudo da ocupação indígena entre a região do Igarapé Poana e a margem norte do rio Urucuriana (até o limite sul do Parque do Tumucumaque).

Quanto a ocupação não-indígena na região, provavelmente foi mais intensa ao longo dos rios Erepecuru e Urucuriana. Segundo informações dos responsáveis pelas comunidades de remanescentes de quilombos do baixo Erepecuru, houve uma ocupação sazonal, mas regular da área, para fins de caça, pesca e coleta, realizada por regionais, inclusive os próprios remanescentes, cuja história deve ser tão antiga quanto a ocupação não-indígena na região, possivelmente intensificando-se após a implantação dos quilombos.

Os índios do Cuminapanema autodenominam-se ZO'E, que significa "nós", ou melhor "gente como nós". Eles utilizam tal denominação apenas quando surge a necessidade de explicitar sua diferença em relação aos não-índios, chamados de *kirahi* ou aos povos inimigos, *Apam*, canibais e moradores do oeste, e *Tapy'yi*, que matam com bordunas e moram a leste. Os *Apam* consideram eliminados porque nunca mais encontraram seus rastros, e os *Tapy'yi* estão vivendo ao norte do Rio Urucuriana e a leste do *Kiã're* (Cuminapanema).

O termo Zo'é é um classificador étnico ainda em construção, que os índios do Cuminapanema chegam a utilizar para designar à qualquer pessoa que aparente ser "como eles". Esse grupo fala uma língua pertencente à família Tupi-Guarani e são monolíngües. Em função do isolamento e contato recente, a língua Zo'é foi a última a ser incorporada na classificação linguística desta família do tronco Tupi. O parentesco genético da língua Zo'é foi estabelecido, por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (1996), e permite associar a língua a um subconjunto desta família, que inclui as línguas faladas pelo Waiãpi, no Amapá, e pelos Araweté, Asurini e Tembê, no Pará, entre outros. Compartilham também com outros povos Tupi toda uma tradição comum, que inclui formas de pensamento e de organização social.

A sociedade Zo'é divide-se, atualmente, em seis grupos locais. Em alguns períodos do ano convivem nas mesmas aldeias, em outros, estão dispersos nas áreas de concentração que lhes são próprias. A vida social, consiste na alternância entre aproximação e dispersão desses grupos pela área, em movimentos que são normatizados tanto pelas formas particulares de organização social, como pelas formas de manejo dos recursos. Assim, a territorialidade Zo'é só pode ser compreendida se considerada em sua dimensão sociológica, ou seja, se descrita como uma rede de relações intercomunitárias. O que nos remete, de um lado, à história e, do outro, aos padrões de relações interpessoais.

Os Zo'é são um dos últimos povos isolados da Amazônia, tendo sido apresentados ao mundo em 1989, embora há pelo menos 80 anos tenham mantido contato esporádico com não índios, passando nesta última década a experimentar um conjunto de impactos que historicamente atingiram as sociedades indígenas na região Amazônica. Devido as difíceis condições de acesso e a inexistência de programas estaduais ou federais de desenvolvimento econômico na região norte do Pará, a área continua ambiental e culturalmente preservada, não existindo até o momento, nenhuma ocupação não indígena no perímetro da área proposta. Com isso não há nenhum conflito, até o momento, quanto a posse da terra dos Zo'é, pois a FUNAI conseguiu antecipar sua intervenção ao convívio mais intenso dos índios com frentes de ocupação regional.

Como estabelece a etnografia regional, a área onde vivem os Zo'é é considerada habitat de povos Caribe, que ocupam quase ininterruptamente as terras firmes do planalto das Guianas. Os únicos enclaves não-Caribe são os Zo'é e os Waiãpi, dois povos falantes de línguas Tupi-Guarani, aparentados aos grupos da mesma família linguística que vivem até hoje na região do médio Xingu, no sul do Pará. As fontes disponíveis sobre a região norte do Pará não trazem informações suficientes para confirmar a migração dos Zo'é até o seu habitat atual. Mas é certo que este povo têm sua origem ao sul da região atualmente ocupada. Esta é a direção que eles indicam quando são indagados sobre sua procedência histórica. A localização de antepassados remotos não interessa muito aos Zo'é, que concebem esta origem na forma de um ciclo de sucessivas re-criações da humanidade. A atual localização do grupo Zo'é, numa área central e montanhosa do interflúvio Erepecuru/Kiã're

DESPACHO Nº 74, DE 29 DE NOVEMBRO DE 1999

Assunto: Processo FUNAI/BSB/217/99. Referência: Terra Indígena Zo'é. Interessado: Grupo Indígena Zo'é. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena a que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

corresponde a uma posição de refúgio relativamente recente, onde o grupo instalou seu domínio após uma série de conflitos com os ocupantes originários. Alguns conflitos que correspondem ao período de 90 a 100 anos atrás podem ter tido impactos significativos na ocupação da área. Esse período termina nos anos 70, quando os Zo'é passam a ser alvo de frentes de atração.

As fontes históricas sobre a presença indígena na margem esquerda do rio Amazonas evidenciam, a partir do século XVIII, intensos movimentos - forçados ou não - que modificaram não só a localização mas a configuração cultural dessa população. A instalação de fortificações na boca dos principais afluentes da margem esquerda do rio Amazonas e os aldeamentos missionários são responsáveis por grandes transformações na região. Muitos grupos aldeados se afastaram da margem do rio fugindo rumo ao norte no final do século XVIII e foram reagrupados em quatro aldeamentos na beira do rio Amazonas, entre Almeirim e Óbidos, os quais eram ancestrais dos Zo'é ou povos Caribe com os quais eles mantiveram contato no decorrer de sua própria migração até a área de refúgio que ocupam hoje.

Os grupos próximos a Almeirim eram constituídos de índios Apamã, falantes da língua Tupi e de índios Aracajus. Os índios Waiãpi, originalmente localizados no baixo rio Xingu e que são aparentados aos Zo'é, ocuparam um aldeamento próximo de Almeirim, no decorrer de sua migração rumo ao noroeste do Amapá. Fontes do século XIX indicam que os Apamã haviam abandonado Almeirim para se refugiar no rio Maecuru. Em 1657 é fundado um aldeamento na boca do rio Maecuru, e que se transforma na missão central dos jesuítas. Era um aldeamento populoso composto de índios Apamãs, Tapuiussus, Consaris e Juriparis. Os Apamã não são mencionados na aldeia de Surubiu, ou Curuá-Manema (Alenquer), onde foram aldeados índios Pauxis/Pawiyana, de língua Caribe, e Barés, descidos do alto Rio Negro. Pauxis é também a denominação dada à fortaleza elevada em 1697, num local habitado originalmente pelos índios Conduri. Este grupo vivia num dos três aldeamentos que deram origem à cidade de Óbidos. Antes do fechamento das aldeias missionárias, os Pawiyana se refugiam ao norte passando pelo Cumina, pelo Erepecuru (Cachoeira do Mel) e até a bacia do Água Fria, onde seus remanescentes são encontrados por viajantes, nas primeiras duas décadas deste século. A rota da migração, após a fuga dos aldeamentos do baixo Amazonas passa pelo Rio Maecuru (onde são mencionados num afluente do curso alto, até os anos 40 deste século). As expedições de reconhecimento que percorrem as imediações da área atualmente ocupada pelos Zo'é só são documentadas nos últimos 100 anos. Quase todos os viajantes, inclusive, se limitam a subir os rios principais, sem realizar incursões no interflúvio, deixando referências pobres de grupos indígenas na região.

II. HABITAÇÃO PERMANENTE

Apesar da reduzida população atual, os Zo'é mantêm viva a separação entre vários grupos locais. Estes não são nem aldeias, nem unidades definidas apenas territorialmente. A sociedade Zo'é se constitui no movimento, no tempo e no espaço, das relações entre os diferentes grupos, cuja composição se altera no tempo. *Wan* é um termo usado para indicar o pertencimento a um grupo local. Cada grupo se identifica através das áreas de domínio que ocupa no momento, ou pelo nome do seu cabeça, designado *fy* e configurado na pessoa de um indivíduo masculino que chegou a um certo estágio de maturidade e acumula competência para a fala, a troca, além de ser bom conhecedor da história e do jeito de ser Zo'é. Um grupo e seus líderes são considerados "donos" das áreas em que desenvolveram atividade pioneira e respeita-se a antecedência dos donos na exploração de caminhos de caça, pontos de pesca e roças.

O povo Zo'é se divide atualmente em seis grupos, entretanto as constantes modificações que afetam a composição dos grupos no tempo, implicam também em alterações visíveis na sua relação com o espaço. Um outro elemento que pode contribuir ao entendimento da divisão que funda a sociedade Zo'é é a representação que eles fazem do mundo dos mortos, no céu. Na área existem várias aldeias onde as pessoas que morrem se reagrupam segundo sua origem em terra. As aldeias de mortos são compostas de grupos familiares que se relacionam com os vivos por laços de consangüinidade e de afinidade que reproduzem os agrupamentos das gerações atualmente em vida. As aldeias dos mortos estão posicionadas em cima das ocupadas durante a vida.

Atualmente são seis as aldeias com roças produtivas - *Poruruty*, *Zawara kiäven*, *Pirity*, *Ovixã teary*, *Nã'ret*, *Kuruaty* -, cinco aldeias que estão em fase de reativação - *Kusityry ty*, *Ivi'ara aze*, *Ivi'ara*, *Kiheta*, *Pireaty* -, duas aldeias em locais não ocupadas pelas antigas gerações - *Kiã're/norte* e *Kiã're/sul* -, e uma aldeia antiga, cuja a reativação está sendo planejada - *Terekie uhu*.

É na relação entre os grupos e as áreas das quais estes se apropriam, que melhor se explica a territorialidade Zo'é na medida em que resulta na regulação do acesso aos recursos ambientais. Para os Zo'é, a referência é o fato social da roça, e não a habitação. Fisicamente, uma aldeia Zo'é é um assentamento estabelecido para fins de residência prolongada, e pode ser, numa primeira aproximação, descrita como uma ou mais casas com roças em volta, onde para cada conjunto distingue-se um pátio. Cada um desses pátios sendo compartilhado por alguns grupos de famílias que expressa facilmente um dado que é a organização de parentelas a partir de famílias e de grupos locais e de relações de alianças. Essa forma de organização ganha outras expressões no espaço da aldeia, como o uso separado de pontos de banho e seus acessos à caminhos distintos para sair ou chegar às casas e à roça. Como outros povos Tupi da Amazônia, os Zo'é não estabelecem assentamentos próximos a grandes cursos d'água, domínio de entidades sobrenaturais (*Moni*, *kiruwat*), capazes de agredir os que se aventuram sem cuidados perto de suas moradias.

O acúmulo de informações sobre ocupação territorial, permitiu constatar a pequena extensão física do território Zo'é. Mesmo levando-se em conta que grupos locais diferentes ocupam regiões também diferentes e de uso exclusivo, a dimensão no espaço dessa distribuição não resultou num território extenso. Por outro lado, resultou num território ocupado intensamente, seja pela proximidade física dos *kiatu* (roça ativa) entre si, no interior das áreas de ocupação de cada grupo local; seja pela reocupação e reativação de *taperet* (roças não ativas), que voltam a ser *kiatu*; seja pela longevidade desses *kiatu*, ou ainda, pela maneira como os Zo'é usam os recursos e percorrem o território.

Os critérios para se pensar na abertura de novas aldeias, que na visão do grupo são acampamentos para fins de residência prolongada, que tem na roça ativa (*kiato*) e não nas casas a referência social, buscam um espaço apropriado para concretização de um *kiato* enquanto fenômeno sócio-cultural. Assim, um ponto de partida para se pensar sobre os critérios para a abertura de roças é a frequência com que se observa nos entornos de vários *kiatu* a presença de castanheais, inajazais e afloramentos rochosos de dimensões diversas. O acesso fácil à água é um elemento essencial para qualquer assentamento. Entretanto o elemento determinante, enquanto critério ambiental é o tipo de solo, sendo as terras escuras e moles as mais adequadas ao cultivo da mandioca, ao contrário das vermelhas, duras e pedregosas. Os *taperet* (roças antigas) são considerados locais adequados para a instalação de novas roças.

Hoje, os seis grupos distintos Zo'é são compostos com famílias que pertencem a um número maior de *wan* cujos movimentos podem identificar a trajetória de nove grupos existentes há cerca de 60 anos. É muito importante mencionar que, agora, os Zo'é voltaram a abrir novas frentes de ocupação ou estão reativando aldeias que haviam sido abandonadas. Antigamente, cada *wan* vivia mais tempo separado dos demais. Dizem que os antigos circulavam pouco, em relação aos atuais padrões de mobilidade. Eram também mais fechados sobre si mesmos, ou seja, estabeleciam menos trocas matrimoniais. A distância entre os grupos continua inscrita tanto no formato das aldeias, como no comportamento de seus ocupantes quando estão nos postos de assistência, o que acabou por promover a aproximação e a convivência mais prolongada de grupos distintos. Essa distância é sobretudo marcada pelas trilhas de entrada, das aldeias e dos acampamentos por menores que sejam. Dentro da aldeia ou acampamento cada família tem sua própria trilha para chegar aos pontos de água e, é claro, também têm caminhos próprios para a roça e a floresta em volta. É no próprio pátio da casa, ou na seção da clareira de um acampamento que os indivíduos passam a maior parte do tempo, quando não estão em suas roças ou na floresta.

Quanto a decisão de abrir novas roças no atual momento, de aparente retomada do modo tradicional de ocupação, com assentamentos distantes, os Zo'é alegaram impossibilidade de ampliar roças na aldeia *Zawara kiäven*, não implicando esta argumentação, necessariamente um impedimento de ordem ambiental, sendo mais decorrência da forma como as famílias e parentelas que residem na aldeia estão ocupando o espaço.

III. ATIVIDADES PRODUTIVAS

O território de uma sociedade é o resultado da maneira como ela organiza e regula o acesso - ao espaço e aos recursos. Entre os Zo'é, para entender o que é essa "maneira" deve-se olhar para a dinâmica cotidiana das distâncias sociais; como elas se instalam, como são burladas, os caminhos socialmente autorizados para diminuir-las através de trocas (principalmente as trocas matrimoniais). É essa dinâmica que motiva os movimentos



Fonte DOU

Data 03/12/99 Pg 120

Class.

de dispersão e concentração da população. No tempo, as alianças (matrimoniais) que um grupo local estabelece interna e externamente, e os processos bem sucedidos de formação de novos grupos locais a partir do distanciamento interno entre membros de um grupo anterior, implicam em movimento no espaço, com mudanças quanto às áreas materialmente (espaço e recursos) apropriadas por cada grupo. Essas mudanças no espaço ao longo do tempo não podem ser usadas para caracterizar os Zo'és como um grupo nômade de caçadores-coletores, movimentando-se aleatoriamente em busca da garantia da subsistência. Um critério básico dessas mudanças é a história das relações externas e internas (inclusive com os não-Zo'és), que vai fornecendo elementos para a construção de vínculos com o espaço. Como esses vínculos mudam no tempo, é impróprio fracionar o território em parcelas identificadas em caráter permanente a cada grupo local, apesar de ser possível compreender o que é o território e como se dá sua ocupação através de uma análise sincrônica, como é o presente caso. Nesse sentido, os movimentos de dispersão e concentração da população são marcos demográficos para o território, mas são marcos que mudam tanto no tempo como no espaço, já que não é a área de ocupação que define um grupo local zo'é, mas a história de um lugar que é contada pela ocupação que fizeram os grupos locais que dele se apropriam no tempo.

A noção Zo'é de *-koha* traz elementos importantes para entender o que representa "território" para os Zo'és, mas não corresponde a uma tradução literal deste conceito. Ele tem uma abrangência mais ampla, no sentido de "modo de vida", "bem viver" ou "qualidade de vida", o que significa que as condições ambientais e ecológicas e materiais são componentes na definição de um *-koha*. Eles usam esse termo também em referência a espécies animais, vegetais e aos mortos. Em relação aos próprios Zo'és, o conceito incorpora ainda aspectos sociais, culturais e políticos incluindo sua forma de organizar-se territorialmente, dividindo-se em grupos locais formados por famílias extensas.

O *reko*ha fornece os parâmetros para a ocupação territorial e para a regulação do acesso aos recursos, isto é, para a caracterização do território Zo'é. Por outro lado, o fato de a noção de *-koha* incorporar ao "jeito de ser Zo'é" as condições ambientais de sua existência (supondo uma adequação entre o sócio-cultural e o ambiente), indica o empenho do grupo em conhecer o meio que ocupa. Estritamente, o *-koha* de um indivíduo é seu lugar de origem, e de destino após a morte, mas lugar, não está no sentido de localização, mas um conjunto de fatores geográficos, ecológicos e ambientais que se articulam, possibilitando conforme o que os Zo'és consideram um modo de vida "ideal". Para caracterizar os *-koha* de animais e plantas, esse conhecimento é sistemática e continuamente acumulado com o próprio processo de ocupação se, no manejo e uso dos recursos, observando ciclos, hábitos e mecanismos de reprodução, o que por sua vez, funciona como fator de aumento na racionalidade do manejo.

Tomando o território como um todo, os grupos locais reconhecem e afirmam, uns em relação aos outros, a exclusividade da apropriação e uso dos recursos pelo grupo ocupando uma dada região, pelo tempo que essa ocupação efetiva. Já nos limites internos da área ocupada impõe-se um outro nível de regulação de uso, através da exclusividade na apropriação de roças, pontos de banho, de pesca, caminhos de caça, castanhais, e de acesso aos assentamentos. A apropriação exclusiva pelo uso efetivo não tem caráter permanente, dada a mobilidade dos grupos locais. A toponímia zo'é está fortemente associada aos igarapés.

O *-koha* Zo'é, assim como o *-koha* do coatá, ou do açai são conceitos genéricos, mas cuja elaboração é possível graças ao conhecimento acumulado em relação aos modos de vida específicos aos quais cada um desses *-koha* corresponde. Os "outros", os inimigos ou aqueles sobre cujos modo de vida os Zo'és não conhecem, não têm *-koha*, apenas *upa*, isto é, uma "casa", um receptáculo, em oposição ao Zo'é *reko*ha onde a territorialidade é um exercício constante de criar e diminuir distâncias. A distância e proximidade que caracterizam a vida social zo'é marcam sua ocupação territorial por movimentos de dispersão e concentração populacional. Esse princípio, que rege a qualidade de vida do grupo, dá-se em níveis diferentes, abrangendo desde as relações interpessoais, entre famílias e entre grupos locais até aquelas mantidas com os "não-Zo'és", impondo limites ao uso do espaço e dos recursos. No território, isso é facilmente verificado nas três instâncias detalhadas a seguir: os grupos locais e suas áreas de influência; marcos territoriais da apropriação do espaço; e marcos sociais da ocupação.

Dois grandes estações, uma de chuva (inverno) e outra de seca (verão), são referidas pelos Zo'és como *aman uhu* e *kwara hy*, respectivamente marcam a dispersão e concentração do grupo influenciando suas atividades. Esse espectro é, porém, repartido no que poderíamos chamar de "sub-estações", às quais referem-se vários outros marcadores. Várias observações sobre as estações do ano com suas particularidades e a maturação das frutas são usadas com fins práticos, seja com vistas à definição de seu ciclo e ritmo de atividade, seja para avaliar locais privilegiados do ponto de vista de presença de caça. Outros ciclos como lunares, "trajetos" de certas constelações e algumas evidências observadas em peixes, aves e insetos, servem para compor uma espécie de análise climática e serve como pano de fundo aos fenômenos sociais de dispersão e concentração da população.

É durante a estação das chuvas, que vai de meados de fevereiro ou início de março (dependendo do ano) até meados de julho, que acontecem os períodos mais prolongados de dispersão da população no território, ao longo de duas importantes temporadas de caça: a do coatá gordo e a do tucano. Nesses meses os Zo'és ficam mais tempo nos acampamentos, retornando às aldeias principalmente para buscar farinha e beiju ou tapioca. Como é também um período em que muitas frutas amadurecem, é comum também que a dispersão seja interrompida para celebração de festas, já que neste período há muita fruta para preparar a bebida fermentada *-se py*.

No período antes das chuvas mais fortes, a partir de março, muitas famílias optam por permanecer nos acampamentos para a caça ao urubu-rei, realizada usando peixes podres e urubus como iscas. A estação seca (julho a janeiro) é marcada pelo trabalho nas roças e pela vida nas aldeias, que se intensifica. A pesca é atividade corrente no verão.

A castanha-do-Pará, é a principal fonte de proteína vegetal, e alimento básico na aldeia zo'é, juntamente com os produtos obtidos com o processamento da mandioca e as carnes de caça. No *aman okipiry*, período entre meados de janeiro e início de março se colhe castanha e limpam-se roças para o plantio. A mandioca é colhida, processada, começando o processo da fabricação da farinha, beiju e tapioca. Aproveitam o sumo restante da compressão do tipiti no cozimento de carnes. Ainda nesse período, é freqüente a caça aos animais que comem frutas: anta, paca, cotia, yeado e jaboti. Esse período também é da caça à queixada e ao catitu. Ingazinho, patauá, pidauá e inajá são algumas das frutas consumidas pelos Zo'és. Na estação das chuvas, bandos numerosos de aves vêm aos açais para comer frutas. Praticamente tudo que se caça de dia é consumido à noite. Em meados de julho, as águas baixam, intensificando a pesca. Durante a estação seca, os Zo'és procedem o corte e queima nas roças, tanto as que já são ativas ou suas extensões em primeira derrubada, quanto de novas roças em outras regiões de ocupação. Nas roças são produzidas seis espécies de mandioca, quatro de banana, quatro de batata doce, quatro de pimenta, além de macaxeira, cará, mamão, abóbora, melancia, urucum, algodão, cabaça, cuia, ananás e curuná.

IV. MEIO AMBIENTE

A existência de flechais nos *kiatu* não é simplesmente uma indicação física de que ele está passando a *taperet*, os flechais são, antes de mais nada, marcos de uma história. Os *taperet* são seqüências lógico-histórico-ambientais dos *kiatu*, não o marco de seu "fim" ou de seu "abandono". Devem ser entendidos como parte ativa dos processos de ocupação e apropriação, inclusive do ponto de vista das relações de uso, como atesta o exemplo dos flechais.

A região ainda não foi alvo de estudos específicos de natureza ambiental, e os conhecimentos acumulados a esse respeito são aqueles presentes nos chamados grandes manuais sobre fauna, vegetação e ecologia da Amazônia e do Brasil, além do projeto RADAMBRASIL. A pesquisa antropológica que vem sendo conduzida junto ao grupo desde 89 representou um aporte indispensável de informações, que permitiram identificar parte dos recursos mais valorizados pelos Zo'és (ajudando a superar a barreira da língua) e, mais importante, permitiu identificar e localizar a área de ocupação territorial Zo'é atual. A partir deste segundo dado é que foi possível concluir sobre que regiões devem constar impreterivelmente da proposta de delimitação, sob o ponto de vista do ambiente, de modo a garantir o que prevê o Artigo 231 da Constituição Federal, no que se refere à reprodução dos recursos necessários ao bem-estar da sociedade Zo'é. A outra fonte significativa de dados foi a "Expedição para estudo de referências sobre índios isolados nos Rios Urucuriana e Curuá", realizada como etapa complementar de estudo do GT.

O relevo apresenta, quase que em sua totalidade, a formação Submontana, o que influencia a vegetação. A área está inserida no bioma da Floresta Ombrófila Densa, com trechos de FOD Aluvial e FOD Submontana. Observa-se, uma Floresta Ombrófila Aberta, com predomínio da FOA Submontana. Também apresenta algumas áreas de Floresta Estacional Semidecidual. Ao longo do igarapé *Kiá're* ocorre uma faixa campo/savana, as Formações Pioneiras, em estágio herbáceo-arbustivo, com relevo plano. A Sudeste da área é



verificada uma região de Tensão Ecológica, observa-se áreas de contato entre Floresta Densa da Área Submontana, com árvores emergentes de relevo dissecado, ondulado e o cerrado Arbóreo Denso (Cerradão).

A área de ocupação zo'é está inserida em Floresta Ombrófila Densa, com as formações sub-região das Baixas Cadeias de Montanhas do Complexo Guianense, na área próxima ao Erepecuru, e Sub-região de Superfície Dissecada do Complexo Guianense, na área mais central. Apresenta trechos com predomínio de imbaíba e áreas de capoeiras, em diferentes estágios de sucessão.

A geologia da área é constituída de rochas do período Pré-Cambriano, destacando os complexos Guianense e Xingu, o grupo Uatumã, as formações Iricoumé e Properança, Granito, Mapuera, além dos aluviões, rochas Ígneas e Básicas, entre outras. Os solos, são do tipo Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico, Podzólico Vermelho Amarelo, Latossolo Vermelho Escuro Distrófico e os solos Concrecionários Lateríticos Indiscriminados Distróficos. O clima é, predominantemente, do tipo Aw' (Clima Tropical Chuvoso com Verão Úmido e Inverno Seco), segundo classificação de Köppen. Existe uma diversidade na flora da região, trechos com concentração de indivíduos da mesma espécie, pântanos, pequenas lagoas e campos em sua circunvizinhança, trechos alagados sazonalmente, capoeiras. A regra é a diversidade, com ampla dispersão espacial e baixa concentração de indivíduos por espécie.

O ponto central de interesse para a identificação das áreas imprescindíveis à preservação de recursos ambientais necessários ao bem estar do grupo está colocado pelos seguintes elementos: diferença de espécies vegetais e animais entre o interflúvio Erepecuru/Kiã're e o interflúvio Kiã're/Cuminapanema; e diferenças quanto a ocorrência de água em superfície entre esses dois interflúvios, pois os cursos de água, mesmo numa estação seca mais rigorosa entre o Erepecuru e o Kiã're só começaram a apresentar interrupção no final de novembro, enquanto à esquerda do Kiã're muitos igarapés já estavam secos desde o início do verão. O Cuminapanema tem curso com rumo geral sudoeste, que apresenta diferenças, inclusive quanto ao volume de água, entre os trechos ao norte e ao sul da confluência com Kiã're. É só com o aporte de água deste formador que o Cuminapanema volta a apresentar fluxo em superfície, chegando seu leito a ficar completamente seco durante o verão por quase toda a extensão de seu curso a montante desta confluência.

É possível adiantar que os principais condicionantes dessas diferenças são a geologia e o relevo, mas outras etapas de estudo são necessárias para determinar como o Kiã're tem um papel central no que diz respeito à água como recurso em toda a área de ocupação Zo'é, por isso, toda a região de suas cabeceiras devem constar na proposta de limites. O interflúvio Kiã're/Cuminapanema, consideradas as diferenças apontadas, apresenta-se como área de reserva de caça rica em espécies vegetais capazes de suprir necessidades de várias espécies animais valorizadas pelos Zo'é, mesmo nos verões mais rigorosos.

A área atualmente ocupada pelos Zo'é, tem como limites a Oeste o rio Erepecuru, desde o igarapé da Raia Branca até o igarapé da Batata. A margem esquerda do Erepecuru pode ser descrita como um imenso castanhal, havendo ocorrências consideráveis da palha-preta, ubim e mais de uma espécie de tucumã, e, pelo menos um local onde os Zo'é retiram madeira para confecção do arco. É, ainda, uma área intensamente utilizada para caça e pontos de pesca. Nesta região é recorrente a presença de capoeiras com florestas em vários estágios de recuperação. Ao Norte, o limite segue o igarapé da Batata rumo as suas cabeceiras até encontrar o divisor de águas que separa as bacias do Erepecuru e do Kiã're, seguindo esse divisor no seu rumo (aproximadamente) sudeste até encontrar o igarapé Bureako, e seguindo o curso do mesmo até sua embocadura no Kiã're. A região do Bureako é referida pelos Zo'é como rica em inajazais e, em campo, constatou-se grande diversidade ambiental: pântanos, campos, igarapés, floresta. Pequenas áreas de concentração de castanheiras, e outras - maiores - muito ricas em palha-preta. O Bureako e afluentes, como o Burawa, são igarapés piscosos. A Leste, o Kiã're e, depois, o Cuminapanema têm representado a fronteira na história da ocupação dos Zo'é, e esta teve uma expansão seguindo o Cuminapanema até mais ou menos uns sete quilômetros a jusante da confluência com o Tarari uhu. Acompanhando as margens do Kiã're desde as cabeceiras até a altura do Bureako, verifica-se a ocorrência da faixa de campo/savana inundável. Outras ocorrências desse tipo de formação foram verificadas na direção das cabeceiras do Bureako, até as proximidades do Ivi'ara, roça em fase de reativação. O Kiã're, principalmente a jusante da embocadura do Kiheta, e o Cuminapanema são intensivamente ocupados para fins de pesca e caça - inclusive de urubu-rei, e recentemente, a ocupação também vem se dando com a abertura de roças. Logo ao sul da embocadura do Bureako, o Kiã're passa a apresentar nas margens e no leito muitos afloramentos rochosos. Passa a ser frequente a formação de "poços", pontos privilegiados para a pesca, com linha e anzol, zagaia e flecha ou com timbó. O mesmo ocorre com o Cuminapanema, que também apresenta pequenas corredeiras na sua porção meridional, podendo-se tomar o ponto mais ao sul do limite leste, no Cuminapanema, como descrito acima (aproximadamente sete quilômetros da confluência com o Tarari uhu). O limite sul segue daí rumo oeste, até encontrar a cordilheira que tem direção NO/SE, e acompanhando a mesma até a cabeceira do igarapé da Raia Branca. O relevo na região do limite sul do território Zo'é está entre os mais acidentados de toda a área de ocupação do grupo. Há muitos pontos de pesca, principalmente no Tarari uhu e no Cuminapanema, e a caça ao urubu-rei também é muito praticada na região. Na cordilheira do limite sudoeste estão as cabeceiras dos principais afluentes do Tarari uhu na parte sul do território: Kuruaty, Toj Tapiri e Parese. As florestas densas no topo das montanhas são o habitat do coatá, por isso a cordilheira tem sido ocupada pelos Zo'é durante a estação das chuvas. Além das expedições de caça aos macacos - coatá e capelão, os Zo'é têm pontos de pesca nas cabeceiras dos igarapés, onde informaram que encontram várias espécies que só ocorrem em cabeceiras, ou outras que sobem os igarapés durante a estação chuvosa.

Internamente aos limites identificados e descritos acima, o território Zo'é apresenta predominantemente a formação de florestas densas. Há muitas áreas de concentração de castanha-do-Pará por toda a região de ocupação, e com dimensões variadas, sendo mais extensas na metade sul, com destaque para os castanhais próximos ao Nã'ret, Pirity e Kuruaty, sem considerar aqui a região dentro da faixa de castanhal acompanhado o Erepecuru descrita acima. As áreas do centro-oeste e noroeste são comparativamente mais ricas em tucumãs e outras frutas como terekie e takie, que atraem varas de queixada e catitu, pacas, antas e veados. Há áreas de ocorrências mais significativas de inajá próximas aos assentamentos Ivi'ara, Terekie uhu abyr upa, a bacia do Pupurini e a bacia do Tarari uhu (especialmente entre o Nã'ret e Kopurumu). Os inajazais são usados apenas para a coleta da fruta, que é consumida pelos Zo'é "in natura" ou sob a forma de mingau; eles compõem o habitat do macaco prego, e são locais privilegiados para caçá-los. Frutíferas como açai e bacaba ocorrem junto aos igarapés, e também estão bastante disseminadas na área, cuja malha hidrográfica tem alta densidade. Concentrações mais significativas foram observadas nos igarapés Itawa, Burawa, Pirity, Pireaty e Kuruaty. Entretanto, para a estação de caça de tucanos e outras aves que confluem aos açazais, os Zo'é têm privilegiado a região do Pirity, não por questões ambientais, ecológicas ou por ser mais abundante em recursos (possivelmente, essa opção está relacionada ao ritmo da vida social e das trocas nos acampamentos de caça de tucano, depois de um período de maior distanciamento durante o período do macaco gordo). O ubim e as madeiras preferencialmente usadas na construção das casas como o acapu também têm ocorrência bastante disseminada. Há duas áreas, ainda dentro do território zo'é que merecem destaque por sua diferenciação frente as florestas (primárias) do tipo Ombrófila Densa: as regiões mais diretamente afetadas pela intervenção dos Zo'é, que apresentam capoeiras (nas áreas ocupadas, mas com roças desativadas), e roças (ativas); e a região alagada dos igarapés Tarari uhu e Pireaty.

Para assegurar a continuidade das condições favoráveis atuais e históricas no que diz respeito aos aspectos ambientais e aos recursos necessários ao bem estar do grupo, os estudos conduzidos no âmbito do GT Zo'é identificaram três áreas no entorno da ocupação territorial - duas delas contínuas - que devem ser abrangidas pelos limites da Terra Zo'é: a região do interflúvio Erepecuru/Kiã're até o Igarapé Urucuriana: parte do interflúvio Kiã're/Cuminapanema também até o Urucuriana; e o pequeno trecho entre o igarapé cuja cabeceira é o limite sul da ocupação e o Cuminapanema.

V. REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A partir de informações disponíveis através de pesquisas do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, da Universidade de São Paulo (NHI/USP), de sertanistas, e a partir de 1992, pelos censos da FUNAI, pode-se deduzir algumas tendências demográficas. Entre 1982 e 1987, os Zo'é foram acometidos por doenças pulmonares e sofreram uma forte baixa demográfica, da ordem de 37 pessoas. Nesse primeiro período, e até 1994, a taxa de natalidade se manteve baixa; esta situação não pode ser interpretada apenas como decorrência das epidemias, mas como uma forma tradicional de contenção da natalidade. O crescimento da população só foi verificado a partir de 1994, quando os Zo'é acomodaram seus movimentos à permanência no posto da FUNAI, e quando passam a receber serviços de assistência à saúde mais sistemáticos e abrangentes.

Houve uma mudança no curso de padrões de controle de natalidade. As mães das atuais mulheres adultas nunca tinham mais de 2 ou 3 filhos, e no passado elas só vinham a ter filhos na idade de 19 e 20 anos. Atualmente, as mulheres mais jovens têm de 3 a 4 filhos, e as moças casam-se por volta dos 14 anos. Em fevereiro de 1991, a concentração em três aldeias era de 133 pessoas (69 homens e 64 mulheres), em fevereiro de 1998, 172 pessoas (84 homens e 88 mulheres), distribuídas em torno de seis aldeias e seus satélites, sendo duas no centro, uma no centro-sul, uma no sul, uma em fase de reativação no centro-leste, e uma sem roça produtiva mas cuja capoeira é intensamente apropriada e ocupada ao norte. Se a tendência atual de crescimento se estabilizar, os Zo'é irão dobrar sua população em 15 anos. É notável o aumento da capacidade reprodutiva deste povo, no alargamento da pirâmide da população de 1998. Mas, o que é mais significativo é que tal crescimento se desenvolve segundo padrões próprios de divisão das unidades locais, que ocupam novas áreas e reativam outras. O aumento demográfico é conscientemente planejado pelos Zo'é, que aliam esta estratégia à da expansão territorial, existindo evidentes movimentos de recuperação de zonas que haviam sido desativados nos anos 80.

No que toca à ocupação histórica dos Zo'é na região, e ao seu processo de expansão na área que atualmente ocupam, deixam evidente a existência de um padrão tradicional de territorialidade, que é, por sua vez, garantido pela continuidade de formas de organização social e de manejo de recursos. O padrão tradicional de uso dos recursos leva os Zo'é a constantes deslocamentos entre todas as áreas de concentração de recursos, fazendo com que as aldeias abandonadas a pouco tempo continuem sendo visitadas com vistas a reativação. Os Zo'é ainda mantêm suas concepções tradicionais de explicação sobre a origem e causa das mortes, que seriam provocadas por predadores sobrenaturais, formando um sistema de agressão canibal. Para os Zo'é, todas as aldeias ou sítios de acampamentos constituem-se em "cemitérios" (potenciais). No caso específico deste grupo - como na maioria das sociedades indígenas da Amazônia - a realização de rituais não se prende à determinantes geográficos, mas sim a critérios sócio-políticos. Dito de outra forma, qualquer lugar de ocupação pode representar o espaço adequado a vida ritual, segundo critérios que não destacam nem priorizam os aspectos geográficos.

Os limites das áreas necessárias para a reprodução física e cultural dos Zo'é podem ser assim descritos: partindo da cabeceira do igarapé da Raia Branca, afluente do Erepecuru, segue-se o curso deste até o rio. O limite prossegue subindo o Erepecuru até o igarapé da Batata, tomando o rumo de sua cabeceira até o divisor de águas entre o Erepecuru e o *Kiã're*. O limite leste acompanha o curso do *Kiã're* e, depois, do Cuminapanema. Aproximadamente sete quilômetros a jusante da confluência Cuminapanema com o *Tarari uhu* deve-se tomar rumo sudoeste até alcançar o curso do primeiro Igarapé com direção W-E, imediatamente ao Sul da pista da Missão. Seguindo esse igarapé até sua cabeceira, chega-se a cordilheira onde estão as cabeceiras do Raia Branca.

VI. LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

As informações colhidas por técnicos da FUNAI nos últimos cinco anos, evidenciaram que não existem invasões nem ocupantes não índios na área identificada. Mas cabe registrar algumas informações sobre a presença de vestígio de garimpos, incidentes ou nas imediações da área ocupada pelos Zo'é. Pequenos grupos de garimpeiros estiveram bem perto da Base Esperança, entre 1990/91. Tudo indica que a atividade garimpeira, em decadência na região, não terá repercussões sobre a integridade da Terra Indígena.

Quanto ao levantamento cartorial, os Tabeliões dos Cartórios de Registro de Imóveis das Comarcas de Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre e Santarém/Pará, forneceram certidões que atestam a inexistência de quaisquer transcrições ou registros de aquisição de imóveis, em nome de terceiros, incidentes na área identificada. Tanto os levantamentos realizados em campo quanto nos cartórios de registro de imóveis de localização da área evidenciaram que os Zo'é ocupam com exclusividade as terras identificadas e descritas no mapa de delimitação da área e seu memorial descritivo. As glebas de responsabilidade do INCRA ou do ITERPA que incidem parcialmente na área, não são e nunca foram ocupadas, sendo suas delimitações comprovadamente muito posteriores à ocupação das terras pelos Zo'é.

VII. CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

O Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Zo'é apresentado pelo GT da Portaria nº 309/PRES/97 fornece os elementos necessários para caracterizar o território delimitado de acordo com o disposto pelo § 1º do art. 231 da Constituição Federal. O relatório descreve com detalhes e caracteriza o grupo indígena Zo'é, seu modo e história tradicionais de ocupação da terra, sua língua e aspectos linguísticos e culturais que permitem identificá-los em relação a outras etnias. Fornece ainda informações sobre sua organização social e política, história de contatos com outras populações (índigenas ou não indígenas), e dados sobre a atual população. Levando em consideração todos estes elementos, o GT propõe a demarcação da terra indígena Zo'é com superfície de 624.000 hectares e perímetro de 463 quilômetros, situada entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, conforme mapa e memorial descritivo a seguir. Ao mesmo tempo em que corresponde ao preceito constitucional de "terras tradicionalmente ocupadas pelos índios", a área proposta poderá ser de fato controlada pelos Zo'é, uma condição indispensável para garantir a efetividade do processo de regularização fundiária de sua terra, bem como a continuidade da reprodução física e cultural do grupo. Trata-se de fato de terras habitadas em caráter permanente pelos Zo'é, utilizadas para suas atividades produtivas, imprescindíveis à preservação dos recursos naturais necessários ao bem-estar do grupo indígena e à sua reprodução física e cultural.

NORALDINO VIEIRA CRUVINEL
 Antropólogo/CDA/DEID/DAF

Diretoria De Assuntos Fundiários -DAF
 Departamento De Demarcação -DED
 Memorial Descritivo De Delimitação

Denominação
 Terra Indígena Zo'é
 Aldeias Integrantes
 Kuruaty, Naret, Ovíxateary, Pirity, Poruruty, Zawarakiaven
 Grupo Indígena
 Zo'é

Localização

Município : Alenquer E Óbidos

Estado : Pará

Administração Executiva Regional de Belém - PA

Coordenadas dos Extremos

Extremos	Latitude	Longitude
Norte	00°23'45" N	56°06'00" Wgr.
Leste	00°02'14" S	55°25'21" Wgr.
Sul	00°50'32" S	55°33'55" Wgr.
Oeste	00°12'19" N	56°10'46" Wgr.

Base Cartográfica

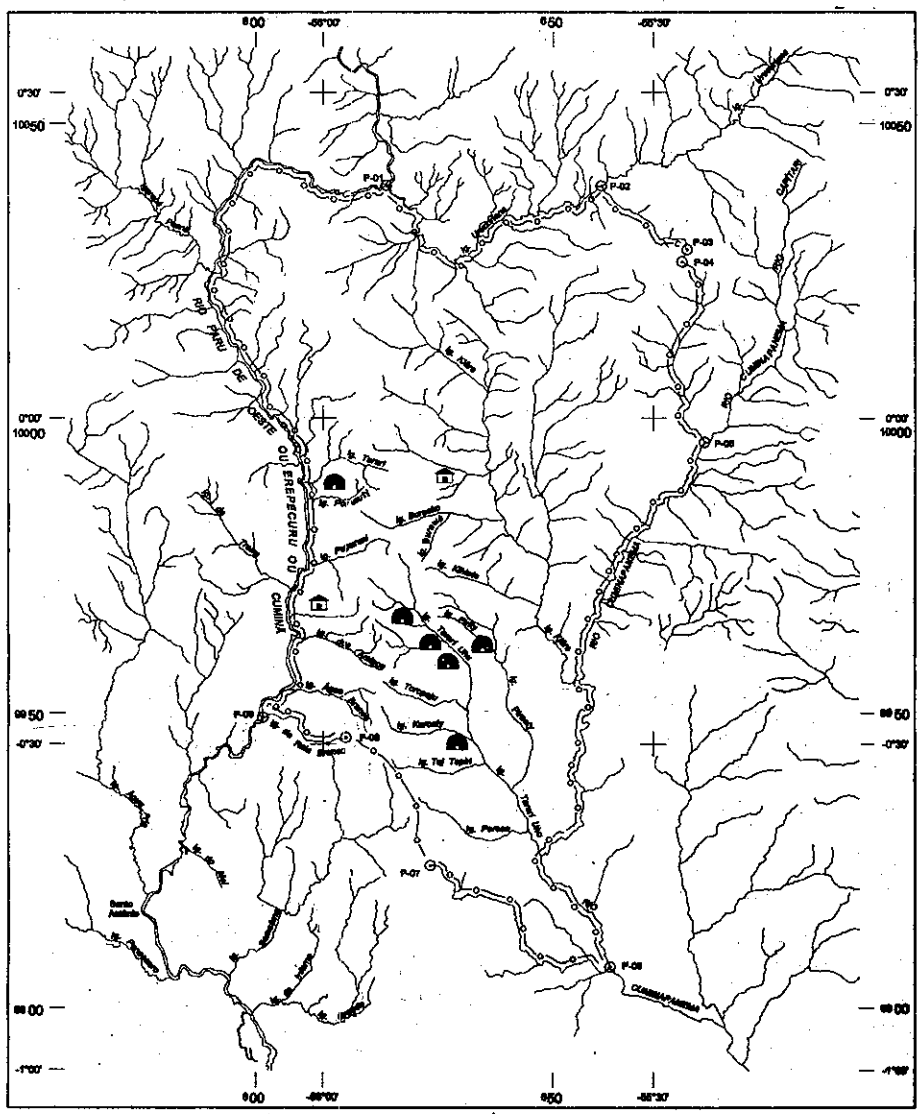
Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
NA.21-Z-C e D, SA.21-X-A e B	1:250.000	DSG	1984

Superfície: 624.000 ha (seiscentos e vinte e quatro mil hectares), aproximadamente.
 Perímetro: 463 km (quatrocentos e sessenta e três quilômetros), aproximadamente.


Descrição do Perímetro

NORTE : Partindo do Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 00°21'23"N e 55°54'17"Wgr., localizado na confluência do Igarapé Urucuriana com o Rio Erepecuru, segue pelo referido igarapé, a montante, até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 00°21'20"N e 55°34'45"Wgr., localizado na confluência

com um igarapé sem denominação; daí segue por este, a montante, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 00°15'30"N e 55°26'56"Wgr., localizado em sua cabeceira. LESTE : Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 00°14'23"N e 55°27'24"Wgr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Rio Cuminapanema; daí segue pelo referido igarapé, a jusante, até o Ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 00°02'14"S e 55°25'21"Wgr., localizado na confluência com o Rio Cuminapanema; daí segue pela margem direita do referido rio, a jusante, até o Ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 00°50'32"S e 55°33'55"Wgr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação. SUL : Do ponto antes descrito, segue pelo referido igarapé, a montante, até o Ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 00°41'14"S e 55°50'16"Wgr. localizado na sua cabeceira; daí, segue na direção noroeste, nas linhas de cotas máximas do divisor de águas que separa as bacias formadoras da margem direita do Rio Cuminapanema e margem esquerda do Rio Erepecuru, até alcançar a cabeceira do Igarapé Raia Branca ou Kiei Juburuxie, afluente da margem esquerda do Rio Erepecuru, Ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas 00°29'25"S e 55°57'57"Wgr.; daí segue pelo Igarapé Raia Branca, a jusante, até o Ponto 09, de coordenadas geográficas aproximadas 00°27'34"S e 56°05'25"Wgr., localizado na confluência com o Rio Erepecuru. OESTE : Do ponto antes descrito, segue pela margem direita do Rio Erepecuru, a montante, até o Ponto 01, início da descrição deste perímetro. Responsável Técnico pelo Memorial Descritivo: Antônio Abrahão Oliveira, Técnico em Agrimensura, CREA 1403-TD.



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- — TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - ⊕ — PONTO INDÍGENA, CAMPO DE POURO
 - ▲ — ALDEIA INDÍGENA, MALOCA INDÍGENA
 - ⊠ — MARCO DE DIMENSA, PONTO DE SATÉLITE
 - — PONTO DELIMITADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
 - ⊗ — FLAZA INDICATIVA, CENÇA DE APARE
 - RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
 - RODOVIA TRANSITÁVEL O ANO TODO
 - RODOVIA TRANSITÁVEL EM TEMPO BOA CAMBIO
 - RIO PERMANENTE, RIO INTERMITENTE
 - LAÇO OU LADEA, TERRENO ILHEITO A BARRAÇÃO
 - LIMITE ESTADUAL, LIMITE MUNICIPAL

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF			
TERRA INDÍGENA ZO'É		DELIMITAÇÃO	
MUNICÍPIO: ÓBIDOS e ALENQUER	SUPERFÍCIE: 624.000 Ha	PERÍMETRO: 463 Km	
ESTADO: PARÁ	ESCALA: 1:850.000	DATA: 22/08/98	
CIDADE: BELEM	PROCESSO: 858/217/98	NÚM. CATEGORIAL: NA.21-Z-C e D SA.21-X-A e B	
RESP. TEC. DELIMITAÇÃO LIMITE: ANTÔNIO ABRAHÃO OLIVEIRA <small>ANTROPÓLOGO E USF</small>	RESP. TEC. DELIMITAÇÃO LIMITE: ANTÔNIO ABRAHÃO OLIVEIRA <small>ANTROPÓLOGO E USF</small>	RESP. TEC. DELIMITAÇÃO LIMITE: ANTÔNIO ABRAHÃO OLIVEIRA <small>ANTROPÓLOGO E USF</small>	PORTARIA Nº: 308/PREB/97